

1º de Agosto: A BAIXO A GUERRA!



P
A
V
E
L



ANO 14
1936 ORGÃO TEÓRICO dos JOVENS
AGOSTO COMUNISTAS PRESOS EM PENICHE

1936
ANO 1 N 4
AGOSTO

"DAVEL"

GES
PCP



1º de Agosto
ABAIXO A GUERRA

Este dia consagram-no os anti-fascistas de todo o mundo para proclamarem a Paz e fazerem guerra à guerra.

É No momento que atravessamos de guerras de rapina, há uma só causa a defender, um único direito a zelar: a integridade dos povos, o respeito pelas liberdades populares. E isto representa a luta de hoje, prepara a vitória de amanhã.

Os férteis campos da Etiópia, ao Oeste, são ainda teatro da luta desigual que vitimou e vitima milhares de gentes indetestas, centenas de jovens trabalhadores dominados pelo despotismo simbolizado no punhal que traz o assassino nº 1 pendente do cinturão.

O sinistro triúvirato da Alemanha, Hitler, Goebels, e Goering, apressa-se a executar as ordens do capitalismo germânico, estendendo a garra de águia sobre Baku, Mesopotâmia e Dantzig — esta última como proémio das suas intenções para este.

A violação do Pacto de Locarno corresponde já por si quais as intenções "pacifistas" anunciadas pelo III Reich.

A invasão, por étapes, dos japoneses no território



nês, e a sua política de constantes agressões à U.R.S.S., agravam consideravelmente a situação bélica que assola o mundo de ponta a ponta.

Isto é a política do fascismo, é a educação cristã que se propõe inculcar às novas gerações.

Mas nós sabemos tudo isto; nós sentimos a agonia do fascismo na Alemanha e assistimos ao esmagamento da Rebelião fascista em Espanha contra todo um povo que se levantou em armas para lhe dar a morte. Sabemos quem quer a guerra, conhecemos e amamos aqueles que desejam a paz una e duradoura.

À onda troglodita (como lhe chamam os nossos irmãos de França) nós contraporemos a vontade firme e inabalável dum Humanidade operária que odeia a chacina e luta pelo pão que sentê fugir-lhe aos poucos e poucos.

Portugal!

Território de tradições libertadoras, terra onde floresceu o amor à cultura e à paz, é hoje assediado de norte a sul por bandos de assassinos vivendo a expensas do suor dos trabalhadores. Em tempos de prosperidade subiste num escabêlo da senda que ainda te reserva, mas ago-

ra, invadido por um bando de jesuítas sem nenhum escrúpulo, vives sujeito a uma opressão furibunda e das entranhas do teu povo verte o sangue da revolta.

Gritas por pão para ti e teus filhos e recibes, como resposta, as balas homicidas dum ralé mais baixa e vil que já mais conheceste.

Centenas de jovens operários, estudantes e camponeses, gemem nos cárceres frios e doentios, como consequência do seu descontentamento motivado na miséria e exploração a que são sujeitos pelo patronato.

— Portugal é hoje um país onde campeia a miséria e a desolação. Tem vivido os mais cruéis anos que a história conhece.

Não queremos a desgraça dos nossos irmãos de classe e lutaremos, mais do que nunca, contra o fascismo que promove e excita os povos à guerra entre si.

É necessário formar homens que consagrem à Revolução, não apenas as horas livres, mas toda a sua vida.

LENINE



O VI Congresso da I.J.C. tendo estudado detalhadamente a situação da juventude laboriosa do mundo inteiro verificou que nas condições presentes de luta contra a guerra e o fascismo, o agrupamento das vastas camadas juvenis, os processos de organização adoptados eram insuficientes

socialismo proletário. A dessiminação da cultura revolucionária é a formação de quadros à altura da sua missão histórica, merece, nesta altura, por determinação da I.J.C., de todas as secções nacionais, a maior atenção e disvêlo.

QUADROS JUVENIS

O Congresso examinou o espantoso atraso intelectual e político da maioria dos jovens dos países capitalistas e, perante isso resolveu que, a partir de então, a Juventude Comunista se transformasse na organização da jovem geração trabalhadora em luta contra os seus inimigos.

Estas esforçam-se, principalmente a francesa e a espanhola, dadas as suas condições especiais de trabalho, por levar às mais profundas camadas da juventude o conhecimento prático e teórico do marxismo-leninista. Aí faz-se já, praticamente, o que é necessário realizar em todas as secções.

Era necessário, antes de tudo, confundirmo-nos com a própria juventude em todos os locais onde ela se agrupa e levá-la, em massa, à luta pela conquista de uma vida melhor.

O jovem, depois de cumprir a sua obrigação diária, tem os clubs culturais e recreativos à sua espera, onde, numa atmosfera elevada, se vai, pouco a pouco, armando para entrar na vida.

Entretanto, insensivelmente, sem mesmo dar por isso, ela vai sendo, pouco a pouco, penetrada, mercê do trabalho levado a cabo pelos camadas jovens, do espírito de luta de classes, do marxismo-leninismo e do interna-

É assim que, sem renunciar às mais legítimas recreações que ainda lhe são oferecidas, a jovem geração deve entrar na luta pelo melhoramento da sua

situação, onde quer que "faça vida".

É assim que poderemos contar, dentro em pouco, com quadros à altura dum mane

bramento prático e eficaz dos nossos métodos e táticas de combate.

Elevemos a juventude à altura da sua missão histórica!

GES
PCR

Revolução e partido



ubordina dos aos mais grosseiros e disparatados títulos, tem publicado diariamente a reacção reaccionária um sem número de telegramas, qual deles o mais contraditório, anunciando que uma poderosa sedição militar-fascista eclodiu no país vizinho.

As fontes de informação, conquanto que suspeitas, nas o órgão da moagem e o epilético caixeiro da alta finança portuguesa vão beber as "suas" largas reportagens "à sensation"; os telegramas, na sua maioria, confeccionados nas redacções dos mesmos jornais e no posto emisso Rádio Club Português — dirigido por fascistas confessos e alimentado pelas aristocráti-

cas pesetas da emigração — deixam-nos antever, entretanto, este fundo de verdade — que a reacção latifundista-financeira num supremo arranco, em que depositava as derradeiras esperanças, pretendia, dum só golpe, esmagar todos os direitos da classe trabalhadora, conquistados com sangue e luta e varrer, dum só vassourada, todas as liberdades públicas que constituem o ideário e a garantia da coligação das forças populares da Democracia Espanhola e do proletariado, das cidades e do campo, hoje em armas e formando intransponível barreira aos miseráveis intentos do capitalismo espanhol firmado nos galões ensanguentados dos generais traidores à pátria e acobertado no inimigo mais implacável da classe operária — o fascismo.

Tendo em conta as características particularmente

agudas de que se reveste o entrechocar dos interesses das classes em Espanha — dia a dia mais profundas e manifestamente inconciliáveis — e cujas determinantes se expressam, em especial, na miséria sempre crescente que lavra no seio do campesinato pobre e no ascenso revolucionário das massas operárias em luta pela defesa dos seus interesses mais fundamentais permanentemente em perigo, breve concluiremos que a intentona militar jámais poderia constituir surpresa para os sectores proletários da Frente Popular.

A reacção, condensada nas forças plutocráticas e latifundistas imperantes na velha Espanha, ao armar o braço criminoso dum militarismo falho de glória e desprovido de escrúpulos, a meio das realizações do programa comum da Frente Popular que, na medida em que procurava dar forma concreta às aspirações mínimas das camadas laboriosas, ia afectando largamente os interesses do bloco aristocrático — alto-burguês, supunha ser ainda possível, com um golpe brutal, deter o avanço da vigorosa

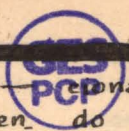
onda revolucionária que embatia as muralhas da sua bastilha e pretendendo barrar com sangue o caminho das reivindicações do povo espanhol para o que apelou para a capacidade de resistência dos poderes da tradição e do feudalismo, ainda vivos e enraizados no solo de tão dinâmico país, sobrevivências dum trágico passado de miséria e despolimento.



* * *

Todos os progressos e conquistas sociais verificados no decurso da História destes últimos tempos — Revolução Francesa de 1789 e Revolução Russa de 1917 — em que se jogam os privilégios e bem-estar de tal ou qual classe dominante, têm contra si poderosas forças do passado ciosas dos seus pretendidos direitos e jámais transigindo ou contemporaneando com uma nova ordem de cousas que implique subversão total ou parcial das instituições políticas, económicas e morais que servem de base a essa sociedade em via de desagregação.

O acelerado ritmo que adquiriu últimamente a Re-



volução Popular Espanhola — que de defesa dos mais elementos direitos dos produtores e das liberdades democráticas ameaçadas se transforma em ofensiva de luta por amplas conquistas da classe operária — fornecendo novos e preciosos ensinamentos do conjunto histórico do movimento revolucionário do proletariado e dos camponeses pobres, reforça simultaneamente o princípio exposto de que o poder de resistência da classe possuidora é tanto maior quanto de profunda e complexa seja a Revolução que tenha em vista a total expropriação dos detentores da riqueza social.

O retumbante triunfo eleitoral da Frente das Esquerdas obtido em 16 de Fevereiro e para o qual concorreu a acção das massas temperadas nos acontecimentos de Outubro de 1934, lutando pelo seu bem-estar e contra a usurpação do poder pelas camarilhas, modificou, sensivelmente, o panorama político espanhol, até então dominado pelos partidos coligados da direita — que representavam no terreno parlamentar, os interesses da alta banca, da indústria e da terra — cuja política realizada num sentido reac-

cionário e agressivo, alentando a ofensiva patronal, favorecia abertamente a criminosa audácia do fascismo, força-de choque da contra-revolução.

Esta, já mais conformada com a derrota sofrida, desprestigiados politicamente os seus partidos ante a nação pela cumplicidade directa nas violências e roubos cometidos no biénio negro Lerroux — Gil Robles e constatando, por outro lado, a via perigosa por onde enveredava a Frente Popular — impulsiona da pelas forças latentes da Revolução — que destruiu, pouco a pouco, o amontoado de desigualdades económicas e reparava injustiças cometidas durante largo tempo, arremete furiosamente, dispondo para esse fim de largos efectivos militares e do beneplácito e auxílio material dos governos de países fascistas, dentre os quais se destaca o português, em cujo território se formou uma verdadeira conspirativa em contacto com os elementos sediciosos do paiz vizinho.

A luta de classes até aí desenvolvida num terreno de combates parciais que forjavam a cada momento no-



vos combatentes e rasgavam-novas perspectivas à Revolu-ção Espanhola em marcha atinge já formas superiores e decisivas, enquadrando tôdas as forças operárias e camponesas heroicamente sublevadas em tôdos os pontos do país contra a criminoso tentativa. Novas e brilhantes páginas se escrevem na história da Espanha livre, unida por uma aspiração comum de justiça de pão e de liberdade.

O Poder Central, vacilante e temeroso de início face aos acontecimentos de tão larga importância, é arrastado no torvelinho do vendaval que se desencadeou feroz, e decreta a legalização dos actos revolucionários das massas, pela acção das quais é orientado e defendido.

E assim, procurando responder aos apelos vibrantes dos partidos e organizações sindicais proletárias, ou cedendo à influência do entusiasmo local, organizam-se milícias populares revolucionárias, constituídas por dezenas e dezenas de milhar de proletários da cidade e do campo organizados em grossas colunas de poder militar-estratégico posto à prova em duros combates de que saem invari-

amente, triunfantes, enquadram-se por forças do exército fiel à República, tornam-se a mais firme garantia da vitória popular.

A concepção de Frente Única da classe operária ^{apenas esboçada} e até levemente combatida, por vezes, nalguns dos seus sectores pouco antes da sedição militar, perante a ameaça fascista, concretiza-se admiravelmente na prática, tornando-se, assim, viável esta velha e sempre viva aspiração de todos os trabalhadores. Hoje, C.N.T., U.G.T., partidos comunista e socialista constituem um só bloco que marcha sob uma única bandeira de combate.

E a nossa inquebrantável fé na capacidade combativa e creadora da classe operária, sempre vitoriosa nas grandes lutas da História em que joga as suas liberdades e direitos, vislumbra para a Espanha uma nova República Popular dignificada pelo esforço dos trabalhadores, comportando já outras aspirações sociais e escudando os interesses e liberdades do povo e das nacionalidades que, dispondo de si próprias, constituem o território da Pátria de Cervantes.



Noções de dialética



chegamos a um conjunto de filosofias tão disseminadas quanto complexas e absurdas. Não erramos ao dizer que existem tantas como de filósofos. E, finalmente, tal como as apresentamos nas escolas, chegamos à conclusão de desconhecer o seu papel ou interpretação que se lhes atribui com referência ao pensamento colectivo.

Para nós, a filosofia representa a vida numa forma elevada do pensamento colectivo, digo, e nada mais. Porque, sendo assim, explicaremos essas formas de pensamento com estreita ligação nas formas de vida de qualquer sociedade humana.

A antiga Grécia, mãe da filosofia remota, foi fecunda neste sentido. Os seus maiores valores, Aristóteles, Platão, Sócrates, etc., ainda que verdadeiramente místicos, para nós não deixaram de representar integralmente a razão de pensar dos seus povos.

Porém, os princípios de Aristóteles conservaram-se até nós, e regeram, mais ou menos, até ao

século XIX. Na Idade Média a escolástica com Lutero, Calvino, S.^{to} Agostinho, S. Tomás d'Aquino e outros, assimilaram toda a filosofia da antiguidade que puseram depois de eclecticamente adequada ao serviço da Igreja.

Embora subtilmente adaptadas às condições eclesiásticas, ela deixa-nos lugar espaçoso para analisarmos a que princípios se applicava, tanto que, face ao darwinismo, às descobertas de Kepler, Newton, Bruno, Galileu, etc., se ia cada vez mais elevando ao divino, à providência, quando os seus argumentos embatiam nas recentes descobertas naturalistas, físicas, astronómicas, matemáticas, sempre mais claras e incompatíveis com a Igreja.

Durante toda a Idade Média presenciámos consecutivas lutas entre a ciência e a teologia, acabando por sair vencedora a primeira.

O desenvolvimento sempre crescente da indústria, a amplitude das ciências físicas, matemáticas e, por último a biologia, constituiram o mais forte alicerce, a base

face à qual redundaram im-
plexos problemas. E é precisa-
mente o materialismo o re-
sultado da evolução a que
chegaram os conhecimentos
modernos.

Ese esta ainda conseguia
reter a nova onda, deve-se, co-
mo nós sabemos, ao estado de
terror que durante centenas
de anos alimentara as foguei-
ras. A persuasão ea sofística,
acabaram por ser a arma inte-
lectual, por excelência, de Roma.

Depois da Revolução Fran-
ceza, o mundo da filosofia
volta-se outro. Em França,
Comte, Littré; na Alemanha,
Kant, Goeth, Leibnitz e Hegel,
e também os ingleses Bacon
e Locke. Principalmente fo-
ram os alemães os primeiros
a romper com o acanhado cír-
culo em que flutuava a filoso-
fia e, assim, Hegel cria a dia-
lética.

Embora êle compreendesse,
em parte, a verdade exigida
pelos actuais conhecimentos, o
certo é que permaneceu encla-
surada numa cadeia de espiri-
tualismo donde Marx a fez sair.

E, desta sorte, de todo um
amalgama de teóricos e de
teorias para revelar a verda-
de, só uma é satisfatória —
o materialismo dialéctico,
síntese de tôdas as ciências
positivistas. Com o desenvolvi-
mento da biologia mais se en-
raíza esta concepção, única
que nos explica os mais com-

plexos problemas. E é precisa-
mente o materialismo o re-
sultado da evolução a que
chegaram os conhecimentos
modernos.

Aplicado o materialismo à
história, dá, conforme sabemos,
o materialismo histórico. Tôda
a doutrina marxista se ba-
seia nisto.

Como acima dissemos,
os princípios sôbre os quais
assenta a opinião da forma-
ção das cousas dos seres, re-
pousava na fórmula Aristoté-
lica de interpretação, ou seja,
na lei da identidade. Vejamos:
uma ampola de iluminação eléc-
trica é necessariamente igual a
si própria; quer dizer; uma cou-
sa é sempre igual a si; êste é
o princípio da identidade, re-
forçado com a 2.^a e a 3.^a leis,
que são, respectivamente, a lei da
contradição e a lei da exclu-
são do terceiro. Designamos
a ampola de iluminação por
X; portanto, $X=X$. Segundo:
 $X=X$ e não pode ser simultanea-
mente O. Porque uma lampa-
da eléctrica jâmais poderia
vira deixar de ser lampada
eléctrica. Terceira lei: X é igual
a X e não admite contra-
dição.

Ora, pois, constitui isto a
lógica formal aceite e reco-
nhecida como infalível.



Mas, quanto à forma de encerrar o assunto, condizia com o estado de cultura dos povos de ontem, não se dando o mesmo com os de hoje, por isto: admitamos a ampola electrica; os filamentos que observamos na dita lâmpada, isolados, como estão, da atmosfera, tornam-se incandescentes logo que se produz o circuito, e, por esta maneira, fornece-nos iluminação. Entretanto, êsses filamentos, de que há pouco falámos, são um aglomerado de átomos que se vão desagregando ao soffrerem a passagem da corrente. Quer isto dizer, simplesmente, o seguinte: alfim de um certo tempo, os elementos que compõe os fios de cobre ou níquel deixam de ser, pelo uso, os mesmos materiais que eram ao princípio, e a lâmpada acaba por não iluminar. Desta forma, se uma lâmpada que fornece iluminação é igual a outra que a não dá, será um paradoxo.

Ou consideramos dois objectos distintos ou então exactos. E, assim, prontos a iluminar. Verifica-se que não pode ser. $X \neq X$ e deixará conseqüentemente de o ser, isto é, vai-se transformando de milésimo em milésimo de segundo, acabando por chamar-se lâmpada fundida. Se tivermos um aparelho destinado a medir a intensidade da luz, analizamos que esta começa de cair dia a dia a

total perda de incandescência. O mesmo acontece com a vida humana. Contudo, sómente ao cabo de um numero de anos verificamos a morte total; todavia, sempre que afirmamos as constantes modificações operadas, segundo para segundo, no individuo, aparece, para alguns, como absurdo. Realemos, porém, o fio da meada e continuemos; doravante está virtualmente esmagado o princípio segundo o qual uma coisa é igual a si, e pelos factos apresentados, $X = X$ e ao mesmo tempo AF (ampola fundida); como síntese, decomposição da lâmpada; assim, temos $X = X = AF$, lei da afirmação; depois X contém, em si mesmo, o elemento do seu antagonico; applicada esta ideia dos filamentos, vemos que factores externos, ao influirem nêles, os vão transformando, precisamente porque a materia de que são compostos se vai modificando pouco a pouco.

Esta é, pois, a lei da contradição ou antítese, em virtude de nos demonstrar, numa mesma coisa, duas ideias opostas, a própria coisa e a sua adversa. Operado o choque da coisa com a sua adversa, uma nova modalidade de objecto se nos apresenta — neste caso a lâmpada que já não dá iluminação, desigual de quando primitivamente a dava — esta é a terceira lei, síntese, ou da negação, uma vez que a ampola de a-

É isto que chamamos **meio** resultado do embate entre nobreza e burguesia. Não obstante a burguesia não se preocupou em fazer desaparecer as classes sociais e a sua adversa, será, neste nosso exemplo e na realidade, o proletariado; portanto: B (afirmação), P (contradição) Socialismo = S (negação ou síntese).

Na história da humanidade, podemos formular assim: Feudalismo berço da burguesia, esta creadora do proletariado, elemento dissolvente ou, o que vem a ser o mesmo, covreiro da burguesia e desimemo. O Feudalismo será E (afirmação ou tese) a sua adversa B (burguesia, contradição ou antítese) e sociedade burguesa SB (negação ou síntese),

resultado do embate entre nobreza e burguesia. Não obstante a burguesia não se preocupou em fazer desaparecer as classes sociais e a sua adversa, será, neste nosso exemplo e na realidade, o proletariado; portanto: B (afirmação), P (contradição) Socialismo = S (negação ou síntese).

Por aqui se observa que o proletariado só é proletariado enquanto exista burguesia, uma vez que ele se propõe destruir não só a sua contrária - burguesia - mas ainda mais, a si próprio como claue pelo que o socialismo se afirma como sociedade sem classes e, desta maneira, sem lutas de interesses e sujeito à dialéctica, isto é, evoluindo por meios pacíficos.

No próximo número continuaremos desenvolvendo o mesmo assunto

OS PLANOS QUINQUENAIS

O segundo Plano Quinquenal começado em 1932 está sendo levado a efeito pelo proletariado russo com uma vontade e ardente dedicação superior à que caracterizou o primeiro plano quinquenal. Podemos dizer que os resultados serão sobrepassados num ritmo mais acelerado do que no primeiro plano.

O segundo plano é o plano do conforto e do bem-estar, da instrução secundária obrigatória, da supressão das classes. Para podermos analisar a série enorme de benefícios que o proletariado russo

conquistará com a efectivação do segundo plano, basta dizer-nos que a orientação política deste se sintetiza no seguinte: como principal tarefa a realizar, tem a liquidação definitiva dos elementos capitalistas e, portanto, das classes em geral, a supressão completa das causas que engendram a diferenciação de classes, a eliminação das sobrevivências na economia e na consciência dos homens, e, por fim, o aumento do bem-estar geral da população laboriosa, tanto do campo como da cidade.

É o socialismo em via de realização.



Este plano corresponde à fórmula marxista de: abolição de classes = socialismo = sociedade sem classes.

A prática demonstramos que a supressão das classes é possível e realizável durante o segundo plano, pois que no campo, nos fins do primeiro plano a parte socializada representava 90% da totalidade do terreno cultivável. Isto no campo, pois que, quanto ao sector industrial, a influência capitalista de há muito estava banida.

A nossa imprensa ilegal tem-nos dado alguns informes sobre as vitórias alcançadas no que respeita à elevação da produção técnica e melhoramentos no nível intelectual dos trabalhadores.

Assim, grande parte do trabalho agrícola foi electrificado, vastas rédes de caminhos de ferro foram lançadas através do território soviético, como a que liga Kagando ao largo Baikal, de 500 km. de comprimento, há pouco inaugurada; novas e grandes fábricas foram construídas, como a de Radium do Tadjikstão, e que é a primeira do género na U.R.S.S.; a fábrica de amianto de Azveste, no Ural, que produz, anualmente, 80:000 toneladas d'aquela produto, etc.

Por último, ao analisarmos

os progressos conseguidos no elevarmento do nível cultural das massas trabalhadoras, achamos resultados surpreendentes. Milhões de kolkozianos e operários das cidades assistem a cursos voluntários de instrução técnica. Aumenta consideravelmente a vasta rede de clubs, de casas de campo, salas de leitura, bibliotecas, cinemas, teatros. Ao mesmo tempo que os trabalhadores repousam nos sanatórios e casas de repouso, aproveitam o tempo para aumentar o seu nível de cultura, pois que, em qualquer colónia de férias da União Soviética encontram-se grandes bibliotecas, realizam-se, nas suas salas, conferências políticas e científicas, concertos e representações teatrais, ao mesmo tempo que se distraem com a infinidade de diversões que têm ao seu dispor.

O Segundo Plano Quinquenal termina em 1937.

Ele vai demonstrar à classe trabalhadora de todo o mundo que o futuro pertence ao socialismo, ao Poder do Proletariado.

E a sua realização constitui uma nova etapa na senda do comunismo.

